

A METAFÍSICA COMO NECESSIDADE VITAL

ORTEGA Y GASSET, José. **Lições de metafísica**. Tradução de Felipe Denardi. Campinas: Vide Editorial, 2019.

Fábio Augusto Guzzo*

Nos anos 1932-33 Ortega y Gasset professou, na Universidade de Madri, o curso *Princípios de metafísica segundo a razão vital*. A transcrição dos manuscritos preparatórios para o curso deu origem ao livro *Lições de metafísica*, publicado originalmente em 1966. O leitor pode ler o livro como uma peça de teatro, imaginando assim a atuação de um dos mais importantes filósofos do século XX. O professor de filosofia, em especial, obterá o exemplo de um mestre que carrega seus alunos com uma linguagem literária, repleta de exemplos e metáforas, num claro esforço pedagógico para tornar mais vivo seu pensamento.

As duzentas páginas do livro dividem-se em quatorze aulas, nem todas com a mesma importância e extensão: algumas enunciam teses e argumentos, outras apenas esclarecem o anteriormente exposto. Às aulas foram acrescentados dois anexos. Sendo assim, farei um recorte daquilo que julgo ser a essência da obra.

A Aula I é sobretudo uma filosofia da educação. Ortega observa que a situação existencial do estudante é falsa: ele se vê obrigado a estudar aquilo que não lhe é necessário. Todos os grandes descobridores, antes do estudo, vivenciaram um problema e desejaram resolvê-lo: a ciência nasce de “uma necessidade vital e não-científica” (ORTEGA Y GASSET, 2019, p. 19), e a conexão entre a necessidade e a ação é o que determina se uma vida é autêntica ou não. Contudo, não é simplesmente possível abandonar a educação, pois ela é uma necessidade social: se a tecnologia atual fosse esquecida pelas novas gerações, 90% da população mundial morreriam.

Já no início de seu livro entramos em contato com a veia fenomenológica e existencial de Ortega: a filosofia é uma atividade humana e deve estar enraizada na realidade, por isso o esforço de descrever minuciosamente a situação na qual ela se encontra. Isso também explica a linguagem literária de Ortega, afinal a arte narrativa serve justamente para descrever aquilo que não compreendemos completamente. É por isso que a primeira tarefa de Ortega é esclarecer isto: o que é estudar?

* Instituto Federal Catarinense. E-mail: fabio.guzzo@ifc.edu.br.

A reforma da educação parte desse problema, da consciência de uma contradição: o estudo é ao mesmo tempo uma falsidade e uma necessidade. A consequência de não enfrentarmos tal problema será o desenraizamento da cultura, a rebarbarização da humanidade, tema esse também explorado no clássico *A rebelião das massas* (ORTEGA Y GASSET, 2016).

Nas aulas posteriores aprofunda-se o estudo da metafísica: ela é a busca por uma orientação radical e necessária, pois viver é sentir-se perdido. Por que nos sentimos perdidos? Porque nossa vida se dá em meio a uma circunstância que não escolhemos: nossa interioridade se dá numa exterioridade. O homem é um estrangeiro, e a vida tem um caráter dramático, pois somos obrigados a fazer escolhas.

O filósofo é aquele que busca a orientação radical por si próprio, e não por meio da sociedade, mimetizando a orientação que as outras pessoas encontraram. Talvez esta seja uma dica valiosa para o professor de filosofia: mais do que expor teorias, devemos transmitir aos alunos o esforço de uma busca pessoal pela verdade. O espírito de Sócrates, condenado pela sociedade ateniense, reverbera nas páginas de *Lições de metafísica*. Lembremos que os diálogos de Sócrates terminavam, no mais das vezes, em aporias: sua missão não era transmitir mais uma teoria, mais um conjunto de ideias a seus discípulos. A refutação socrática pode ser entendida como um retorno à realidade: ao conhecer sua própria alma, o interlocutor de Sócrates está pronto para, daí em diante, buscar por si próprio a verdade.

A presença da realidade é logicamente anterior ao nosso pensamento. Ortega distingue duas formas de consciência: a primeira é a das coisas com as quais contamos, a segunda é a das coisas em que reparamos. Por exemplo: eu conto com a presença do solo abaixo dos meus pés, mas apenas tomo consciência dele quando dou um passo em falso ou chuto uma pedra. A esfera consciente pressupõe uma pré-consciente, e esta é simplesmente a presença da realidade.

O homem executa sua essência numa circunstância heterogênea. Ao contrário da pedra, um ser material numa circunstância material, o ser humano não está numa harmonia pré-estabelecida com sua circunstância. Ao contrário, “[o] homem é, por essência, forasteiro, imigrante, desterrado” (ORTEGA Y GASSET, 2019, p. 82), pois o mundo se apresenta como o cenário de obstáculos que não escolhemos no qual se desenrola nossa história.

A circunstância é um contexto de comodidades e incomodidades. O solo sob meus pés não tem uma natureza própria: enquanto ele desempenha sua função de sustentar-me, jamais me pergunto sobre o seu ser. O terremoto nos levanta esse problema, e é justamente aí que começamos a reparar nele, ou seja, quando as coisas adquirem um caráter problemático é que

tem começo o pensamento. Deus não pensa: não há circunstâncias impeditivas para ele. O homem, expulso do Paraíso, deve sustentar-se com o suor de seu rosto.

O pensamento, portanto, é uma ação humana. O conhecimento científico, por assim dizer, afasta-se da vida vivida, daquela em que simplesmente contamos com as coisas, para uma atitude de atenção e busca do ser das coisas que se tornaram problemas. Este é um ponto importante da filosofia de Ortega: o pensamento nunca é puramente contemplativo, uma apreensão da natureza objetiva das coisas. Ao contrário, o pensamento fabrica o ser das coisas de acordo com o método de cada ciência. A ciência é uma técnica que tem como objetivo nos instalar mais facilmente na realidade. Não é um olhar desinteressado para a realidade, justamente porque o pensamento desperta quando sentimos a necessidade de reparar na realidade. Façamos aqui a relação com o primeiro capítulo: o conhecimento autêntico nasce de uma necessidade vital, e não de um mero desejo.

A mensagem de Ortega é salutar para o nosso século XXI. O conhecimento científico, por depender da realidade secundária que é o pensamento, não pode nos fornecer uma orientação senão parcial para a vida. Desde Kant sabemos que o objeto da ciência é determinado pelo método dela. Nenhuma ciência pode apreender as coisas reais, mas apenas certos aspectos destas. Em 2020 tivemos o exemplo da epidemia de COVID-19: vimos que uma perspectiva unilateral para a epidemia demonstrou-se sempre insuficiente para tratar do problema. Todo o esforço — e causa de confusão — foi no sentido de tentar entendê-lo, entrelaçando todos os seus aspectos: epidemiológicos, econômicos, sociais, psicológicos... Nenhuma ciência em particular pode entender integralmente um fenômeno, pelo simples fato de que sempre poderemos fazer novas perguntas sobre ele, ocasionando o surgimento de novos métodos para compreendê-lo.

Diferentemente dos analíticos, para quem a filosofia é serva da ciência, Ortega afirma que apenas a metafísica pode nos dar uma orientação radical: ela é a interpretação da nossa vida em seu caráter primigênio, anterior à elaboração dos conceitos científicos que são, afinal de contas, elaborações humanas.

Pensemos nos totalitarismos do século XX. Tanto o nazismo quanto o comunismo justificaram-se com pretextos científicos: o primeiro alegava estar de acordo com a superioridade biológica da raça ariana; o segundo, estar de acordo com o inevitável papel histórico da classe proletária. O caráter consensual da ciência, como se o acordo da maioria dos membros de sua classe fosse suficiente para determinar o que é verdadeiro ou não, presta-se a um uso macabro quando aplicado à sociedade.

A metafísica, ao contrário, é solidão. A metafísica se presta para uma orientação autêntica de nossas vidas. Lembremos de Sócrates: uma de suas lições foi que não é a sociedade que deve julgar a alma individual, mas sim o contrário. A ciência, por sua vez, fornece-nos uma orientação fictícia. Hoje em dia é quase impossível um leigo compreender, quanto mais julgar, os debates científicos. Vemos assim como o sonho positivista de Comte, de organizar uma sociedade sob o comando de sacerdotes cientistas, produziria o inverso da maturidade pessoal: guiar-se tão-somente pela ciência é confiar nossa vida à autoridade intelectual de um conhecimento — a ciência — no mais das vezes inacessível para nós. Ora, o estágio científico da humanidade não deveria corresponder à idade adulta?

Outra tese fundamental de *Lições de metafísica* é a superação do realismo e do idealismo. A nossa orientação radical requer uma primeira certeza, caracterizada por Ortega como universal e indubitável. A tese realista afirma que a primeira certeza é a existência do mundo, das coisas no mundo, existência que independe do ser humano. Contudo, a tese realista não pode ser primária, pois a existência do mundo, ou ao menos a certeza de sua existência, depende do pensamento humano. Sendo assim, parece que a existência do pensamento é anterior à existência do mundo, o que dá origem à tese idealista. Mas, como já salientamos inicialmente, o pensamento não é um ingrediente primário da nossa vida: contamos com as coisas e só reparamos — pensamos — nelas quando se tornam problemas.

O que existe, fundamentalmente, sou eu e minha circunstância. Há uma interdependência entre a pessoa e o mundo.

A filosofia de Ortega nos fornece um antídoto para certas tendências atuais, tendências essas cujas origens remontam a diversos filósofos. De um lado nos afasta do cientificismo, do império dos especialistas e da técnica, de um universo de verdades secundárias que não podem nos orientar autenticamente na existência. De outro lado, afasta-nos do puro subjetivismo, do relativismo que nos desorienta por aceitar qualquer verdade, como se o pensamento humano tivesse o poder divino de criar a realidade.

A legitimidade da filosofia — da metafísica —, sua importância para nossos tempos impõe-se por ser ela o verdadeiro caminho para a sabedoria, que não se aplica apenas ao mundo ou ao meu eu, mas à minha vida em sua plenitude.

REFERÊNCIA

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das massas**. Tradução de Felipe Denardi. 5. ed. Campinas: Vide Editorial, 2016.